

NATUREZA DO TRABALHO DE CAMPO EM GEOGRAFIA HUMANA E SUAS LIMITAÇÕES (*)

Armando Corrêa da Silva (**)

Considero aqui três modalidades de conceito de campo em Geografia Humana: os trabalhos analíticos empíricos, os trabalhos com enfoque lógico e a análise dialética epistemológica e ontológica. A consideração levanta alguns problemas: o que ocorre a respeito da categoria espaço no trabalho do geógrafo? como se põem as questões do pluralismo do conhecimento e da interdisciplinaridade? como pode se dar a unidade do conhecimento? como romper com a clausura da informação, num mundo em competição?

Uma Apresentação do Tema

Num sentido empírico tradicional o campo confunde-se com o lugar que se percebe e do qual se pode ter vivência cotidiana: nesse sentido ele é parte de um território, de uma região, de uma área. Os geógrafos que receberam influência do naturalismo realizaram trabalhos com essa concepção. Um exemplo, muito conhecido, é o de Vidal de La Blache que, em seus *Princípios de Geografia Humana* (organizados por De Martonne), tem êsse parâmetro: pesquisar primeiro, depois teorizar. Sabe-se que não sistematizou teoricamente seus conhecimentos. Assim, seus conceitos estão esparsos por sua obra, principalmente sua idéia de região. Ainda num sentido empírico o trabalho de campo pode aparecer como conhecimento de território, como em Ratzel, para quem o Estado é um resultado da ligação orgânica da sociedade com o solo. Pode ocorrer também o conhe-

cimento da área, como em Hartshorne, que procura apreender a singularidade do lugar, por meio da sucessiva integração de fenômenos heterogêneos. Por mais elaborado que seja o resultado dessa concepção ela é expressão da coordenação daquilo que é de domínio do senso comum. Por isso, faz-se a crítica segundo a qual se o conhecimento científico não se diferenciasse das aparências da realidade não seria necessária a ciência.

Recentemente, essa concepção recebeu a crítica do positivismo lógico ou neo-positivismo. A diferença consiste no seguinte: o positivismo naturalista, de origem em Kant (entre outros), reconhece a essência da realidade, mas não acredita possível conhecê-la. A não solução da questão leva o neo-positivismo a não se preocupar com a essência do real e a estudar minuciosamente as suas aparências. Esta atitude conceptualiza uma noção de campo diferente da primeira. Aqui, o campo é desde logo uma apreensão psicológica e fenomenológica do observador. Isto significa que a leitura do mundo aparente, tomado como o real, será a base do trabalho, sendo por isso valorizados recursos técnicos recentes, que permitem chegar à exatidão da medida matemática. Os modelos, por exemplo, são *constructos* teóricos que, de certo modo, substituem o campo da concepção positivista naturalista.

(*) — Recebido para publicação em junho de 1980.
(**) — Professor Assistente Doutor do Dept^o de Geografia da F.F.L.C.H. da U.S.P.

Atualmente a Geografia Humana vem desenvolvendo um raciocínio ontológico e epistemológico de caráter dialético, em várias vertentes. São contribuições como as de Yves Lacoste, Milton Santos, Prestipino, Quaini, James Anderson entre outros. Neste caso, o conceito de campo torna-se uma entidade categorial, que é o ponto de partida da análise do espaço. O lugar, por exemplo, na concepção deste autor, pode ser definido como uma totalidade de relações de localização determinadas, que, como espaço humano ou social é produzido pelo homem e, ao mesmo tempo o reproduz.

Os Trabalhos Analíticos Empíricos

O método dos trabalhos analíticos empíricos é elaborado segundo a experiência, que constitui o parâmetro básico de julgamento.

Trata-se de uma pesquisa que, desde logo, deve contar com um apóio de conhecimento oral ou escrito, que pode constar de depoimentos, documentação cartográfica, fotos aéreas, perfis etc.

O trabalho de campo realiza-se, então, com a observação da paisagem e a coleta de dados, conforme os objetivos do pesquisador. Por isso, a excursão, e o contato direto com a população é importante, podendo aplicar-se questionário ou realizar-se entrevistas.

Segundo os partidários deste tipo de trabalho de campo, o verdadeiro conhecimento só pode dar-se com esse contato direto, que inclui o "sentir" a situação pesquisada.

Este tipo de trabalho remonta à época em que o acesso à informação era mais difícil do que hoje em dia, inclusive por não existir à disposição. Esta mesma ótica continua a ser utilizada, agora com o auxílio de instrumentos mais aperfeiçoados. Mas, é importante constatar que estes instrumentos não alteram o conceito de campo e, por isso, a essência dessa modalidade de pesquisa. Mesmo quando se faça uma distinção entre prática e técnica.

Os Trabalhos com Enfoque Lógico

O método dos trabalhos com enfoque lógico em Geografia Humana é uma decorrência da construção, matemática ou não, de modelos, que representam uma realidade "ideal" e que operam como hipóteses e teorias. Na sua construção, êsses modelos recebem o tratamento do método científico — hipótese, observação, análise e generalização — que permite a análise da realidade representada a partir desse recurso.

Por isso, o modelo apresenta-se não como a realidade é, mas como deveria ser, dadas certas condições, cujas referências são de ordem de coerência lógica. Daí a importância da matemática para sua elaboração. Particularmente a Estatística é amplamente utilizada para a verificação de hipóteses, com cálculos de classes de frequência, variância, desvio padrão etc. A matriz permite a operacionalização do modelo.

Neste caso, a pesquisa confunde-se com o teste de hipótese e a verificação dos desvios em relação a um padrão. Por isso, a teoria geral dos sistemas é aqui aplicada, porque permite apreender com precisão o funcionamento da realidade suposta no modelo.

O trabalho de campo em Geografia Humana com modelos substitui a paisagem percebida diretamente e "sentida", por suas representações funcionais abstratas, documentadas sob a forma da ordenação lógica dos elementos da realidade.

Assim, os trabalhos com enfoque lógico substituem os estudos diretos da aparência, por estudos indiretos, embora apoiados na precisão das calculadoras e dos computadores.

Por isso, o campo empírico é substituído por um campo psicofenomenológico positivo.

A Análise Dialética Epistemológica e Ontológica

Os trabalhos com análise dialética epistemológica e ontológica apresentam-se com uma concepção diversa dos anteriores.

Seu suposto é de que é possível o conhecimento teórico do real a partir da apreensão das categorias básicas do ser.

Na vertente epistemológica, como em Bachelard, há a decorrência de um estruturalismo genético, que indica as categorias num sentido idealista objetivo. Neste caso, o campo é um conceito muito próximo do das concepções lógicas, embora se pretenda trabalhar com a essência do real. Em alguns casos surge um estruturalismo sistêmico como em Milton Santos (Por uma Geografia Nova).

Os trabalhos com análise dialética ontológica apresentam, por sua vez, duas variantes: a ortodoxa (hermenêutica) e a moderna (analítica). A primeira corresponde à idéia da afirmação sobre a essência de um ser, como em Marx, por exemplo, quando diz que as categorias são manifestações do ser, determinações da existência. A segunda apresenta-se como uma construção dialética, analítica, em que a ontologia, como afirmação do ser, é completada com afirmações sobre sua aparência; ocorrem, então, no discurso, afirmações das do tipo da de Marx, como a enunciada e também definições de caráter lógico. Contudo, ambas as posições retêm a idéia de substância como fundamento. Harvey (1973), com seu capítulo sobre "Valor de Uso, Valor de Troca e a Teoria do Uso do Solo Urbano" é um bom exemplo da variante moderna.

O conceito de campo na análise dialética epistemológica, como em Milton Santos (Por Uma Geografia Nova), aparece como uma essência que é imediatamente (fenomenologicamente) percebida. A análise de Santos, embora imanente, refere-se, como diz, ao que se está passando diante de nossos olhos.

O conceito de campo na variante ortodoxa da análise dialética ontológica surge, desde logo, sob a forma de manifestações do real, manifestações estas que são uma forma cujo conteúdo não é dado diretamente. Trata-se de apreender o movimento do real através de uma análise de relações necessárias e determinadas, das quais as pessoas não têm, por força, consciência e, ainda, que independem dessa cons-

ciência. Neste caso, diz-se que é a existência que determina a consciência e não o contrário, como em Marx.

Então, o campo, para esta concepção é um real sensível (o concreto dado à percepção) que, através de abstrações é elevado à qualidade de um real lógico: ainda em Marx, o concreto é a unidade do diverso, síntese de múltiplas determinações.

O trabalho de campo na análise dialética epistemológica consiste na coleta direta ou indireta de informações, que são organizadas estruturalmente, segundo seqüências articuladas por sua lógica aparente, referida à essência da realidade.

O trabalho de campo na análise dialética ortodoxa consiste na reflexão ontológica a propósito da totalidade, na apreensão das categorias elementares do fenômeno em estudo, que já contém o todo. O "conceito simples" de Hegel, é desde logo, uma totalidade. Em Marx, a mercadoria é a célula elementar do modo de produção capitalista, mas contém imediatamente a totalidade deste modo de produção. A análise prossegue, em termos da reflexão, sobre conceitos mais amplos que contém os primeiros, por um processo de abstração que ganha concretude no andamento da análise.

Esses "conceitos simples" são a apreensão científica do real em suas manifestações empíricas. Por isso, o campo do analista ortodoxo é um todo relacional que evidencia seu aspecto geral na particularidade das formações sociais, históricas concretas. Pode-se dizer também, por analogia, geográficas concretas.

O trabalho de campo na análise dialética analítica (moderna) separa os dois momentos do método ortodoxo. Por isso, há um movimento da reflexão, que acompanha um momento de coleta de informações empíricas, que são tomadas como manifestações do real. Por isso, também aqui, como na análise ortodoxa, o conhecimento é sempre uma aproximação.

Tanto a concepção ortodoxa como a concepção moderna podem lançar mão dos mais atuais avanços da tecnologia.

A Categoria Espaço e sua Apreensão no Processo de Trabalho de Campo em Geografia Humana

O conceito de campo em Geografia Humana apresenta hoje uma dimensão de que devem dar conta as abordagens mencionadas: é que não existe Geografia sem teoria espacial consistente.

Uma teoria espacial consistente só se põe para a análise desde que se disponha de um conceito a respeito da natureza do espaço.

Esse conceito deve ser coerente ontológica e epistemologicamente, para que a praxis do geógrafo em Geografia Humana seja adequada.

Até o presente, a proposição de HARVEY (1973) de espaço absoluto, relativo e relacional — com as restrições que se possam fazer a ela — parece ser a mais completa, o que não significa que esgote o assunto. O próprio HARVEY considera o espaço como multidimensional (1969). A relacionalidade é assunto já contido nas proposições de Einstein e Infeld, Lacey e mesmo em um geógrafo como Jean GOTTMANN (1952) em seu trabalho “La Politique des États et leur Géographie”. Não obstante, Harvey avança muito em sua consideração.

Então, deve-se ter em mente que a Geografia Humana tem trabalhado com a noção de espaço absoluto, na primeira modalidade de trabalho de campo examinada aqui. Também o tem feito, pelo menos a partir de M. SORRE (1957), com o espaço relativo. E, agora, está lidando com a relacionalidade em duas vertentes: a sistêmica e a dialética.

O Pluralismo do Conhecimento Geográfico Humano e o Problema da Interdisciplinaridade no Trabalho de Campo

Na medida em que a Geografia Humana transformou-se num conjunto de disciplinas especializadas, tais como Geografia da População, Geografia Agrária, Geografia Urbana, Geografia das Indústrias

e outras, coloca-se para ela o problema da unidade do conhecimento, que implica numa interdisciplinaridade, visto que a própria intradisciplinaridade tende a ser difícil de constituir-se. Não está havendo uma contrapartida de relacionamento científico, em razão da divisão do trabalho contemporânea e surgimento de novas disciplinas. O trabalho de campo torna-se, então, um problema de muitos trabalhos de campo. Pierre George faz referência a isso quando propõe, não o método da geografia, mas “Os Métodos da Geografia”, situação que ocorre também a Michel Phlipponneau com o seu “Géographie et Action”, subdividido nas especializações.

Questões sobre a Unidade do Conhecimento em Geografia Humana no que diz Respeito ao Trabalho de Campo

A tendência atual inevitável é a da fragmentação do conhecimento? Inclusive em Geografia Humana?

Então, teríamos que enfrentar o problema do desenvolvimento tecnológico compatível com as inúmeras variações do real. Por isso, deveria falar-se em trabalhos de campo em Geografia Humana.

Assim, também em Geografia da População, em Geografia Agrária, em Geografia das Indústrias etc. O que, por seu turno, comporta subdivisões ainda menores.

Alguma modalidade de estruturalismo, sistêmico ou dialético, parece ser a solução para a unidade.

O especialista, multiespecializado, ou a reunião dos especialistas diferenciados? Como se propõe o trabalho de campo em Geografia Humana?

O especialista, multiespecializado, realizará um trabalho de campo adequado se conseguir reunir os meios materiais de que necessita, no processo de cooperação ou competição com os outros especialistas.

Os especialistas de várias modalidades podem juntar seu conhecimento em equipes. Mas, a expe-

riência — que não deve ser abandonada — tem mostrado que essas equipes funcionam mal.

Qual a solução?

Parece que, no atual estágio, o que deve ser repensado é a natureza da divisão do trabalho entre os intelectuais, mesmo entre os intelectuais orgânicos, no sentido de Gramsci.

Para isso, a Geografia Humana deve realizar o trabalho de campo necessário à verificação de suas possibilidades de êxito. E ela pode contar com o fato de que a crise que vive traz consigo os elementos que levam à solução.

O que é, então, o Trabalho de Campo em Geografia Humana?

O trabalho de campo em Geografia Humana tornou-se uma questão complexa, no momento em que a sociedade tornou-se ela também complexa.

Há hoje um grande número de técnicas, aparelhos e instrumentos que devem facilitar a vida humana.

É preciso apreender a prática, a técnica, a pesquisa, a ciência e a reflexão do trabalho de campo.

É preciso compreender a dimensão do humano em Geografia, sem o que não se faz Geografia Humana, mesmo quando se lida com Geografia Econômica, Social, Política ou Cultural.

É preciso democratizar o ensino, sem o que o acesso ao próprio trabalho de campo se torna impossível.

A democratização do trabalho de campo em Geografia Humana implica, principalmente, no direito à informação técnica, de pesquisa científica e de reflexão.

Por isso, o trabalho de campo em Geografia Humana não deve ser encarado apenas como um desempenho “eficaz”, que nem sempre é bem sucedido.

Para alcançar esses objetivos, põe-se a questão de lutar para que existam essas condições de democratização do trabalho em geral.

Não são objetivos impossíveis de serem alcançados.

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, J. (1977) — Ideologia em Geografia: Uma Introdução, tradução de Ros Mari Zenha Kaupatez, revisão de Wagner Colombini Martins, AGB-SP, Seleção de Textos nº 3, São Paulo.
- BACHELARD, G. (1977) — Epistemologia, tradução de Nathanael C. Caixeiro, Zahar Editores, Rio de Janeiro.
- CHORLEY, R. J. (e) HAGGETT, P. (1975) — Modelos Sócio-Econômicos em Geografia, tradução de Arnaldo Viriato de Medeiros, revisão técnica de Antonio Olívio Ceron, EDUSP, Livros Técnicos e Científicos Editora, Rio de Janeiro.
- COEHN, M. R. (e) NAGEL, E. (1942) — Textbook of Logic, Allen (e) Unwin Ed., London.
- EINSTEIN, A. (e) INFELD, L. (1976) — A Evolução da Física, tradução de Giasone Rebuá, Zahar Editores, Rio de Janeiro.
- GEORGE, P. (1972) — Os Métodos da Geografia, tradução de Heloysa de Lima Dantas, DIFEL, São Paulo.
- GOTTMANN, J. (1952) — La Politique des États et leur Géographie, Librairie Armand Colin, Paris.
- GRAMSCI, A. (1978) — Os Intelectuais e a Organização da Cultura, tradução de Carlos Nelson Coutinho, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

- HARTSHORNE, R. (1978) — Propósitos e natureza da Geografia, tradução de Thomaz Newlands Neto, supervisão de Fábio M. S. Guimarães e L. M. C. Bernardes, HUCITEC-EDUSP, São Paulo.
- HARVEY, D. (1969) — *Explanation in Geography*, St. Martin's Press, New York.
- HARVEY, D. (1973) — *Social Justice and the City*, The Johns Hopkins University Press, Baltimore.
- HEGEL, G. W. F. (1974) — "A Fenomenologia do Espírito" in *Os Pensadores*, XXX, seleção, tradução e notas de Henrique Cláudio de Lima Vaz, Abril Cultural, São Paulo.
- LA BLACHE, P. V. DE (1954) — *Princípios de Geografia Humana*, Edições Cosmos, tradução, notas e prefácio de Fernandes Martins, Lisboa.
- LACEY, H. M. (1972) — *A Linguagem do Espaço e do Tempo*, tradução de Marcos Barbosa de Oliveira, Editora Perspectiva, São Paulo.
- LACOSTE, Y. (1979) — *A Geografia Serve Antes de Mais Nada para Fazer a Guerra*, Ed. do MG, São Paulo.
- MARX, K. (s/d) — *O Capital. Crítica da Economia Política*, tradução de Reginaldo Sant'Ana, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- MARX, K. (1977) — *A Ideologia Alemã*, tradução de José Carlos Bruni e Marcos Aurélio Nogueira, Editorial Grijalbo, São Paulo.
- PHILIPPONNEAU, M. (1960) — *Géographie et Action. Introduction a la Géographie Appliquée*, Librairie Armand Colin, Paris.
- PRESTIPINO, G. (1977) — *El Pensamiento Filosófico de Engels. Natureza y Sociedad en la Perspectiva Teórica Marxista*, tradução de Fernando Hugo Azcurra, Siglo Veintiuno Editores, México.
- QUAINI, M. (1979) — *Marxismo e Geografia*, tradução de Líliliana Laganá Fernandes, revisão técnica de Mário Antonio Eufrásio e Moacyr Marques, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- RATZEL, F. (1978) — *O Solo, a Sociedade e o Estado*. tradução inédita de Mário Antonio Eufrásio do original "Le Sol, la Société et l'État" in *L'Année Sociologique*, 3.ème année, 1898-1899, Paris.
- SANTOS, M. (1978) — *Por Uma Geografia Nova. Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*, HUCITEC-EDUSP, São Paulo.
- SILVA, A. C. DA (1971) — *Notas sobre o Método Científico e a Observação em Geografia, Método em Questão nº 2*, IGEOG- USP, São Paulo.
- SORRE, M. (1957) — *Rencontres de la Géographie et de la Sociologie*, Marcel Riviere et Cie., Paris.